

O DIA DA ÁGUIA

ROBERT MUCHAMORE

Tradução de
Miguel Marques da Silva



Parte Um

15 de junho de 1940 – 16 de junho de 1940
Bordéus, França

A Alemanha invadiu a França em maio de 1940. No espaço de seis semanas, Paris tinha caído e as tropas francesas estavam em retirada. Milhões de civis aterrorizados tinham fugido para sul antes da invasão.

Depois de retirar o seu exército derrotado em Dunquerque, o Reino Unido, aliado da França, lançou os planos para uma rede de espões na Europa ocupada, conhecidos como “adormecidos”. Mas o avanço rápido dos alemães levou à captura do quartel-general dos espões britânicos em Amesterdão e informação detalhada sobre toda a rede de espões caiu nas mãos do inimigo.

Os agentes do MI6 na Bélgica, na Holanda e na França foram capturados e executados ou obrigados a fugir. Quando os alemães tomaram Paris a 14 de junho, apenas um espião britânico continuava ativo em França, um comandante da marinha britânica de 33 anos ligado a um departamento obscuro chamado Unidade de Espionagem Técnica. O seu nome era Charles Henderson.

A missão de Henderson era roubar os planos de um revolucionário rádio transmissor-recetor de pequeno porte. Na noite de 15 de junho, Henderson chegou ao porto de Bordéus, pouco mais de 150 quilómetros à frente dos invasores alemães. Trazia uma pasta de couro com os preciosos planos, três jovens companheiros e a Gestapo no seu encalço.

Henderson conseguiu marcar lugar no último navio na rota entre Bordéus e Inglaterra, mas Marc Kilgour, de 12 anos, não tinha passaporte e a alfândega francesa não o deixou embarcar. Henderson confiou os planos aos seus outros companheiros, Paul Clarke, de 11 anos, e a sua irmã Rosie, de 13.

Os dois irmãos embarcaram no SS Cardiff Bay e Henderson ficou para trás com Marc, tencionando arranjar-lhe um passaporte para apanharem o navio seguinte para Inglaterra.

Capítulo Um

Eram 11 da noite, mas o porto de Bordéus estava a fervilhar. Viam-se crianças refugiadas pelas vielas húmidas, usando as barrigas das mães como almofada. Soldados bêbedos e marinheiros encalhados metiam-se em rixas, cantavam alto e urinavam contra candeeiros tapados. Os navios alinhavam-se nos cais, à espera de um comboio de carvão que não dava sinais de vir tão cedo.

Com as estradas entupidas e sem combustível para os camiões, as docas estavam atulhadas de comida, enquanto pessoas passavam fome a menos de 20 quilómetros. A carne e os vegetais ficavam para as larvas, enquanto os navios recém-chegados não tinham onde descarregar e deitavam a carga podre ao mar.

Um homem e um rapaz caminhavam pelo cais ao luar, entre mecos ferrugentos e laranjas a boiar na água no meio de dois cargueiros indianos.

– O consulado vai estar aberto a esta hora? – perguntou Marc Kilgour.

Marc tinha 12 anos. Era bem constituído, com cabelo loiro e desgrenhado que lhe caía para a testa e segurava a camisa sobre o nariz para tapar o cheiro enjoativo a banana podre. A sacola de couro que Marc trazia ao ombro continha todas as suas posses.

Charles Henderson caminhava ao lado do rapaz: um metro e oitenta de músculo seco e uma cara que teria melhor aspeto depois de uma noite de sono e um encontro com uma lâmina de barbear. Estavam os dois disfarçados de camponeses, com calças de bombazina e camisas brancas manchadas de suor. Henderson trazia uma mala na mão direita e os objetos metálicos no interior chocalharam quando o homem agarrou Marc pelo colarinho e o puxou para o lado.

– Vê onde pões os pés!

Marc olhou para trás e viu que as suas botas grandes de mais por pouco não tinham pisado um monte de fezes humanas. Com 100 mil refugiados na cidade, era uma visão relativamente comum, mas continuava a dar a volta ao estômago de Marc. Segundos depois, Marc tropeçou na perna estendida de uma mulher jovem de olhar mortiço e pés enfaixados.

– Desculpe – disse Marc.

Mas a mulher nem sequer reparou. Tinha bebido até cair para o lado e ninguém ficaria chocado se estivesse morta ao nascer do sol.

Desde a sua fuga do orfanato duas semanas antes, Marc tinha-se treinado para bloquear as coisas horríveis que via por todo o lado, desde velhinhas a sofrer de insolação até porcos fugidos a lambem o sangue à volta dos cadáveres na berma da estrada.

O porto estava às escuras por causa dos bombardeamentos e Henderson não conseguia ver o olhar triste de Marc, mas ouviu um tremor na respiração do rapaz e pousou-lhe uma mão no ombro.

– Não podemos fazer nada, companheiro – disse Henderson suavemente. – Eles são milhões... É cada um por si.

Marc sentiu-se reconfortado pela mão de Henderson, que o fez pensar nos pais que nunca tinha conhecido.

– Como vai ser se eu chegar a Inglaterra? – perguntou Marc, nervoso. Queria acrescentar “Posso viver contigo?”, mas não foi capaz.

Os dois viraram costas ao cais e embrenharam-se por uma rua com armazéns dos dois lados. Bandos de refugiados do norte apinhavam-se por baixo dos tejadilhos de chapa, concebidos para proteger as mercadorias da chuva enquanto eram carregadas para camiões. Apesar da hora tardia, meia dúzia de rapazes jogava ruidosamente à bola com couves roubadas no cais.

Henderson ignorou a pergunta difícil de Marc e respondeu à que ele tinha feito dois minutos antes.

– O consulado vai estar fechado, mas não temos onde ficar e os serviços vão ficar inundados de gente quando abrirem pela manhã. Devemos conseguir arranjar maneira de entrar...

Henderson calou-se quando dois aviões alemães passaram por cima. Os rapazes a jogar à bola com a couve imitaram metralhadoras e cuspiram insultos na direção do mar, até os pais lhes gritarem para pararem com a chinfrineira antes que acordassem os irmãos mais novos.

– Eu sou francês – observou Marc num tom sério. – Não sei uma palavra de inglês, como é que vai arranjar-me um passaporte britânico?

– Cá nos safamos – retorquiu Henderson, confiante, parando de caminhar por um instante, para mudar a mala pesada de uma

mão para a outra. – Depois de tudo por que passámos, já devias confiar em mim.

O consulado ficava apenas a um quilómetro do cais, mas Henderson insistiu que conhecia um caminho melhor do que as direções que um oficial no terminal de passageiros lhes tinha dado. Andaram às voltas por ruas abafadas onde o cheiro a esgoto se misturava com a brisa marinha, até um simpático estivador a cair de bêbedo lhes indicar o caminho certo.

– Onde será que estão o Paul e a Rosie? – perguntou Marc quando entraram numa praça calçetada com uma fonte em ruínas no centro.

– Já devem estar a sair do rio para o mar – disse Henderson, olhando para o relógio. – Os submarinos alemães andam à caça e o capitão do barco deve querer chegar ao Canal da Mancha antes de amanhecer.

Num dos lados da praça erguia-se um tribunal, com a cúpula de uma igreja do lado oposto e dois *gendarmes*¹ de vigia, aparentemente para impedir que os refugiados se instalassem nos degraus da igreja. O consulado britânico ficava numa área bem cuidada de escritórios, joalharias, penhoristas e bancos.

Numa das pontas, a praça tinha sofrido alguns danos estruturais causados por uma bomba destinada às docas. Mesmo ao luar, dava para ver a fachada distorcida por cima de uma joalharia e as telhas partidas varridas para um monte ao lado.

Por causa dos bombardeiros e da chegada iminente das forças alemãs, a bandeira britânica tinha sido sensatamente retirada

¹ *Gendarme* – polícia francês.

do consulado, mas não havia nada a fazer relativamente aos leões britânicos nos portões de ferro forjado que trancavam a porta da rua.

Vários súbditos de Sua Majestade estavam reunidos nos degraus da entrada, com roupa e bagagem claramente melhor do que a dos refugiados que procuravam comida junto ao cais, mas Henderson estava apreensivo. A Gestapo² continuava atrás dele e podiam facilmente ter espiões infiltrados no que restava da comunidade britânica em Bordéus.

As roupas de camponês de Henderson iam dar nas vistas no meio dos outros britânicos e Marc não falava inglês, por isso, em vez de se juntarem à fila e esperarem pelas nove da manhã, Henderson levou Marc à volta e ficou contente quando viu que as traseiras davam para uma viela escondida. Os bombardeamentos tinham rompido um cano de água por baixo da calçada e as suas botas atravessaram vários centímetros de água.

– Ainda tens a minha lanterna? – sussurrou Henderson quando chegaram à porta das traseiras do consulado.

As pilhas estavam fracas e o feixe de luz falhou quando Marc apontou a lanterna à parede de tijolo. Depois de pegar na lanterna, Henderson agachou-se e apontou-a à caixa de correio.

– Não está ninguém em casa – disse Henderson quando deixou cair a tampa metálica. – Não vi nenhum alarme, nem barras nas janelas. Se eu te levantar, achas que consegues passar por aquela janela pequena?

² Gestapo – polícia secreta alemã.

Marc olhou para cima e Henderson apontou a lanterna para Marc poder ver a janela.

– E os dois policiais na praça? – perguntou Marc. – Vão ouvir o vidro a partir.

Henderson abanou a cabeça.

– É uma janela de guilhotina, debes conseguir abri-la com uma alavanca.

Henderson saiu da poça de água e encontrou umas pedras secas para pousar a mala. Marc reparou nuns vultos sombrios ao fundo da viela e saltou de susto quando ouviu o clique inconfundível de Henderson a carregar a pistola.

Marc estava encantado por ter um agente secreto britânico a dar-se a tanto trabalho por sua causa. Henderson podia tê-lo abandonado no terminal de passageiros e partido no *Cardiff Bay* com Paul e Rosie. Mas, se Henderson tinha bom coração, também tinha um lado implacável e a arma deixava Marc pouco à vontade.

Nos três dias desde que Marc tinha conhecido Henderson em Paris, ele tinha matado meia dúzia de alemães e metralhado um francês aterrorizado numa banheira. Se os próximos vultos que passassem ao fundo da viela viessem investigar, Marc sabia que Henderson os mataria sem hesitar.

Henderson passou-lhe um pé de cabra antes de começar a atarraxar o silenciador no cano da pistola. Marc passou a mão pela barra oleada e espreitou para dentro da mala: munições, uma pistola-metralhadora, uma bolsa fechada que Marc sabia conter lingotes de ouro e um maço de notas francesas. A roupa e o saco de *toilette* pareciam uma ideia de última hora, enfiados no canto inferior direito. Marc achava espantoso que Henderson

conseguisse pegar na mala, quanto mais carregá-la vários quilómetros pelo porto.

Henderson apertou as fivelas de couro e a mala chocalhou quando o inglês a endireitou no chão. A seguir, Henderson virou-se para o edifício e ajoelhou-se na poça de água. Marc apoiou-se contra a parede e trepou para cima de Henderson até estar de pé nos seus ombros.

– Agora estou mesmo contente por não teres pisado aquela porcaria – observou Henderson.

Apesar dos nervos e da posição precária em cima dos ombros de Henderson, Marc não conteve um ronco de riso.

– Não me faça rir – disse Marc num tom firme.

Marc tateou a parede de tijolo enquanto Henderson se levantava e o punha ao nível da janela do patamar entre o rés do chão e o primeiro andar. Marc encostou-se à parede e tirou o pé de cabra do bolso das calças.

– És mais pesado do que pareces – resmungou Henderson ao sentir as botas de Marc a magoar-lhe os ombros.

O caixilho de carvalho estava meio podre e Henderson sentiu uma chuva de lascas de tinta quando Marc enfiou a ponta fendida do pé de cabra por baixo do caixilho e fez força. O trinco da janela era forte, mas os parafusos que prendiam o trinco saíram facilmente da madeira seca.

– Já está – segredou Marc, triunfante, quando abriu a janela.

Para alívio de Henderson, o peso de Marc saiu-lhe dos ombros quando o rapaz se içou pela janela. Marc caiu sobre alcatifa fofa no interior, evitando, por pouco, um jarro e um choque contra o corrimão.

Marc cheirou cera e verniz velho quando correu escadas abaixo. O edifício era pequeno, mas tinha pretensões grandiosas: a escadaria curta até à porta das traseiras estava cheia de quadros de homens com peruca e batalhas navais.

Henderson pegou na mala quando Marc destrancou os dois trincos e abriu a porta. Para lá das escadas, o rés do chão consistia numa única divisão espaçosa. Henderson e Marc passaram por secretárias e armários, separados da área de espera, do outro lado, por um balcão de ébano e grades douradas em espiral.

Marc estava fascinado pelas ferramentas da burocracia: máquinas de escrever, carimbos, papel químico e furadores.

– Então, aqui têm passaportes em branco? – perguntou Marc, fitando as filas de gavetas de madeira ao longo de uma das paredes.

– Se não tiverem esgotado – respondeu Henderson, pou-sando a mala com força em cima de uma secretária e derrubando um monte de envelopes para o chão em taco de madeira. – Mas não podemos fazer um passaporte sem uma fotografia.

Henderson tirou uma carteira de couro da mala. O *kit* fotográfico em miniatura tinha uma máquina fotográfica do tamanho de uma caixa de fósforos, pequenos frascos de substâncias químicas para a revelação e folhas de papel fotográfico grandes o suficiente para fazer o tipo de fotos usadas em documentos de identidade.

– Põe-te ali à beira do relógio de parede – disse Henderson enquanto preparava a pequena máquina fotográfica, inserindo um pequeno retângulo de papel fotográfico.

Henderson ergueu o olhar e viu uma mistura peculiar de apreensão e emoção na cara de Marc.

– Nunca ninguém me tirou uma fotografia – admitiu Marc.

– Nem na escola ou no orfanato? – interrogou Henderson, surpreendido.

Marc abanou a cabeça.

– Temos pouca luz – explicou Henderson enquanto equilibrava a máquina sobre uma pilha de ficheiros. – Por isso, preciso que fiques *absolutamente* quieto e mantenha os olhos abertos.

Marc ficou muito direito durante 20 segundos e, depois, correu para a frente quando Henderson lhe fez sinal.

– Quando é que posso vê-la? – perguntou Marc, piscando rapidamente os olhos a arder.

– Tenho um *kit* de revelação – explicou Henderson. – Tem de haver uma cozinha algures. Preciso que me tragas três pires e alguma água quente.

Quando Marc subiu a correr para o andar de cima para procurar a cozinha, Henderson começou a procurar passaportes em branco nos cubículos. Encontrou uma gaveta cheia deles, juntamente com uma caixa de charutos em madeira com todos os carimbos necessários e, melhor ainda, um velho manual azul a explicar detalhadamente o procedimento correto para lidar com um pedido de passaporte consular.

Um dos telefones tocou, mas Henderson ignorou-o e começou a agitar os líquidos de revelação para quando Marc voltasse com a água.

Outro telefone tocou quando Marc desceu as escadas com três pires e uma lata de tabaco cheia com água quente da torneira. Henderson achava os telefones irritantes, mas, com a França mergulhada no caos, não era de espantar que os telefones do consulado tocassem a noite toda.

– Preciso de escuridão absoluta para revelar a fotografia – explicou Henderson enquanto alinhava os três pires e mergulhava um frágil termómetro de vidro na água quente. – Desliga as luzes.

Quando as luzes do escritório se apagaram e as persianas foram fechadas para tapar o luar, Henderson pôs os pires com os líquidos de revelação lado a lado, debruçou-se sobre a secretária e pôs o casaco que trazia sobre a mala por cima da cabeça, protegendo o material fotográfico de alguma luz que restasse.

Marc olhava enquanto Henderson se remexia misteriosamente por baixo do casaco e o cheiro adocicado do líquido de revelação enchia o ar. Henderson tirou da máquina o retângulo de papel fotográfico e contou os segundos no seu relógio para ter a certeza que o papel ficava o tempo correto no líquido de revelação.

Marc não fazia ideia de quanto tempo ia demorar até Henderson aparecer com a fotografia revelada. Pensou em perguntar, mas não queria perturbar a concentração de Henderson.

– Alguma vez fizeste chá, Marc? – perguntou Henderson, depois de passar o pedaço de papel do líquido revelador para a solução de branqueamento.

– Desculpe... – disse Marc, baixinho. – Nunca bebi chá.

– És uma folha em branco, Marc Kilgour – riu-se Henderson. – Vai lá acima, põe uma chaleira ao lume e, depois, mostro-te como fazer uma xícara de chá inglês como deve ser, enquanto esperamos que a foto seque.

– O que é uma xícara? – perguntou Marc, gostando da palavra mesmo sem saber o que queria dizer.

Henderson sacudiu-se de riso por baixo do casaco.

Mas não se riu por muito tempo. Os dois telefones tinham parado de tocar, mas o barulho de pés lá fora tornava claro que algo estava a acontecer nos degraus da entrada.

– Os *gendarmes* devem ter-nos ouvido a entrar – disse Marc, nervoso, quando os portões metálicos da entrada rangeram por falta de óleo. – Aposto que eram eles ao telefone.

Henderson manteve a calma.

– Ignora as emoções e usa o cérebro – disse Henderson com firmeza quando tirou a cabeça de baixo do casaco. – A polícia não telefona aos ladrões a pedir que tenham a gentileza de ir embora e os alemães não nos iam alertar com esta algazarra à porta de entrada. Só preciso de meio minuto para fixar a imagem. Vai até à janela da frente e diz-me o que vês.

Marc saltou por cima do balcão, contornou as duas filas de cadeiras na área de espera e espreitou por uma fresta estreita entre as cortinas de veludo. Um Jaguar branco estava estacionado na rua e uma multidão ansiosa importunava a condutora do carro desportivo enquanto esta destrancava os portões.

– Acho que é alguém que trabalha aqui – sussurrou Marc. – Tem chave e as pessoas na fila estão a chateá-la.

Marc conseguia ouvir o que estavam a dizer, mas era tudo em inglês e Marc não entendia nada.

– Preciso de tratar de assuntos urgentes do consulado – gritou a mulher. – Têm de voltar de manhã. Abrimos à hora normal. Das nove às cinco nos dias da semana, até ao meio-dia aos sábados.

Marc escondeu-se atrás das cadeiras quando a mulher se esgueirou pela porta da frente e disse às pessoas do lado de fora para terem cuidado com os dedos, antes de fechar a porta.

Mal acendeu as luzes, a mulher avistou Henderson, que tinha acabado de revelar a fotografia de Marc e estava de pé atrás do balcão com os braços afastados para deixar bem claro que não representava uma ameaça.

– Lamento sobressaltá-la desta maneira, madame. O meu nome é Henderson. Charles Henderson.

Marc estudou a mulher do seu esconderijo atrás das cadeiras. Devia ter 20 e poucos anos e media quase um metro e oitenta. Vinha vestida como uma secretária, de blusa branca e saia plissada, mas o cabelo bem arranjado e o elegante relógio de ouro davam a impressão de que ganhava um pouco mais do que o salário de uma secretária.

– Charles Henderson – disse a mulher num tom entendedor. – Descodifiquei uma transmissão de Londres. Anda muita gente à sua procura. É claro que, se é *mesmo* o Henderson, sabe a palavra de código dele.

– Serafim – respondeu Henderson.

A mulher pousou a pasta no balcão, deu um pontapé numa portada de madeira e passou por baixo. Marc ficou de olhos arregalados quando lhe viu o elástico das meias altas.

– Peço muita desculpa, mas aqui o jovem Marc precisa de um passaporte. Fizemos alguns estragos na janela das escadas quando entrámos, mas é fácil de arranjar...

– Desculpe – interrompeu a mulher, deitando uma olhadela rápida a Marc antes de erguer a mão para interromper Henderson. – O meu nome é Maxine Clere, assistente administrativa do cônsul. Pode usar as nossas instalações à vontade... Vejo que já encontrou os passaportes em branco. Sei que o seu

trabalho é importante, mas tenho de contactar Londres imediatamente no telefone codificado. Perdemos o *Cardiff Bay* no Rio Garona, a menos de 30 quilómetros de Bordéus e há muitos mortos.